

Projetos pedagógicos em sala de aula: uma alternativa metodológica confiável?

WANDERLEY GURGEL DE ALMEIDA*

"Quem somos nós, quem é cada um de nós, senão uma combinação de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, Um inventário de objetos, uma amostra de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis."
(Ítalo Calvino)

Este artigo está recomendado a todos que podem se indignar com os resultados produzidos pelo modelo educacional desenvolvido no Brasil nos diversos níveis e modalidades de ensino. Enquanto quer ser um primeiro passo para uma tomada particular de consciência do *que* e *como* tenho ensinado nestes níveis, o trabalho também pretende colaborar para a avaliação das finalidades do ensino através de projetos. Vale ressaltar que esta proposta metodológica é bastante difundida também nas escolas locais, pois vem se tornando regular a prática de projetos em sala de aula e até mesmo a promoção de cursos de elaboração de projetos para professores e, em alguns casos, a proposição de trabalhos acadêmicos através de projetos, durante a graduação, inclusive na UFRR.

Sua importância reside na oportunidade de permitir o conhecimento e a análise sobre os procedimentos experimentados pelo professor e que podem servir de parâmetros para aqueles que, como eu, acreditam numa formação profissional além dos programas curriculares, porém orientada por problemas da existência humana nos seus múltiplos aspectos. Para isto, o artigo percorre desde informações estatísticas a defesas e questionamentos de base sociológica, antropológica e pedagógica, por mim consideradas adequadas a este propósito.

Imagens do Descaminho Pedagógico

De aulas expositivas enfatizadas na tendência pedagógica liberal tradicional à

* Licenciado em Ciências Sociais e Especialista em Metodologia do Ensino Superior e da Pesquisa Científica pela UERN, atual Professor de Antropologia Cultural na UFRR e Professor de Sociologia na Escola Estadual Maria das Dores Brasil em Boa Vista - RR

livre construção de conhecimentos escolares de inspiração progressista, a escola e a sala de aula, no Brasil, já testemunharam diversos modelos de metodologias de ensino'. Com o crescimento da população escolar e, igualmente, dos problemas presentes no ensino e na aprendizagem, hoje o estado de Roraima traz consigo, ainda, 12,2% de índice de retenção nas escolas públicas e particulares, 28,7% de retenção na 1ª Série e 7,8% de taxa de evasão, do ano de 1998 para 1999. (Nova Escola, nov./2000, p.19).

De fato, as condições do ensino e de aprendizagem já foram muito mais adversas que as de hoje - de baixos salários à ausência total de recursos pedagógicos. Mas, foi por iniciativas "acanhadas" que, pouco a pouco, escolas públicas e particulares foram alterando dados e, na melhor das hipóteses, sua concepção de conhecimento e de prática pedagógica.

No início de um novo milênio, fala-se na "Nova Educação". Mudanças profundas e abrangentes se lançam de fora para dentro da escola vice-versa. Percebe-se que, sem a escola e, sobretudo, sem o professor, não tem como haver sociedade e, muito menos, humanidade. Pois, como diz Elvira de Sousa Lima²:

Ele não pode perder a dimensão de que a escola é o lugar da ampliação da experiência humana, o lugar como gente como ele, constrói conhecimentos, com o uso de diversas linguagens e da imaginação, (...) passa a perceber a importância de sua função para a preservação da espécie. (Nova Escola, Fala Mestre, dez. 2000).

Bases da Pedagogia **por** Projetos:

Da noção de produto do trabalho de engenheiros e arquitetos, a palavra *projeto* tem adquirido significados conforme o contexto a que mais se adequa. Mas, na condição pedagógica, há uma proximidade com o conceito de *plano* quando sugere o produto. Todavia, para o **que** aqui se considera, este conceito carece de complemento porque, exclusivamente, a ideia e o significado *às projeto* abre espaço para a instalação de condições favoráveis a um processo de construção do conhecimento, como um *contínuo articulador*, conforme justificativa de Vasconcellos³:

Traz subjacente a ideia de proceso-produto, ou seja, (...) inclui o conceito de plano e o transcende, na medida em que remete também a todo processo de reflexão, de construção das representações e colocações em prática, e não apenas ao seu registro (2000: 97)

¹ Sem o intuito de me detemos tipos, variedades e condições metodológicas do ensino, recomendo consultar Maria da Graça Nicoletti MIZUKAMI, Ensino: as abordagens do processo (São Paulo: EPU, 1986), bem como de José Carlos LIBANEO, Democratização da escola pública - a pedagogia crítico-social dos conteúdos (São Paulo: Loyola, 2001)

² Antropóloga e Professora da Hofstra Unvrersity- Nova York (EUA), e da Universidade de Salamanca (ESP). Especialista em desenvolvimento humano.

Até aí, nenhuma grande novidade, porque o ensino diretivo proposto por Dewey, entre outros, já permitia a presença de um instrumento norteador para cada objetivo de ensino e os resultados não foram os esperados. Porém, como ele próprio considera, fala-se *emprego de ensino-aprendizagem* porque:

Ensino e aprendizagem são conceitos essencialmente relacionais e dialéticos(...)- A rigor, não podemos dizer que houve ensino se não houve aprendizagem, por seu turno, embora o sujeito possa aprender algo sozinho, nunca está sozinho em absoluto, no mínimo, está partilhando uma linguagem que representa, em alguma medida, a presença do outro (op cit, p 98).

Como o autor propõe, há três fases. Na primeira fase - elaboração - são feitas a análise da realidade, a projeção de finalidades e a definição das formas de mediação; na fase seguinte - realização interativa - vivencia-se a ação pedagógica propriamente dita e a análise do processo; e, na última fase, a análise do processo e do produto.

Em todas as fases, é mister que haja a trilogia professor - aluno - comunidade. Nesta lógica, pensamento e ação são compartilhados entre eles, pois são considerados agentes produtores de conhecimento, procedimentos, soluções e atitudes, e não meros reprodutores de conteúdos. Daí, nenhuma das fases pode nascer de "mão única". Ademais, perderia o valor e a identidade do grupo ao qual deveria estar em sintonia. E, não havendo comprometimento em todas as fases, nada gera, nada propõe e nada muda, que não seja um "monopólio pedagógico" (grifo nosso).

- Natureza Filosófica:

Cada pessoa, única no conjunto das múltiplas possibilidades existenciais, carrega consigo tempo afora, questões para as quais busca, incessantemente, respostas. Sem muito esforço, pode-se lembrar da máxima shakespeariana "ser ou não ser, eis a questão".

Com o estudos das fases e contextos da evolução humana, o Homem sente-se além de um ser presente no mundo. Consciente do poder transformador que foi adquirindo com o exercício de erros e acertos, à medida em que ia satisfazendo, por exemplo, suas necessidades instintivas de sede e fome e, posteriormente, sentiu-se com carências sociais como de companhia, de carinho, de amor, para as quais vem se tornando cada vez mais capaz de descobrir e organizar processos que as supra. Encontra-se na Bíblia uma passagem bem interessante que bem serve para ilustrar o quanto é possível beneficiar-se da capacidade investigativa: "Pedi, e dar-se-vos-á, buscai e achareis, batei e abrirem-se-vos-á" (Mt: 7, 7).

Enquanto busca-se o preenchimento de espaços abertos seja por necessidades ou mesmo por razões de aprendizagem, a vantagem é que muitas coisas são descobertas tanto dentro quanto fora de si mesmo. Aperfeiçoa-se a pessoa,-desenvolve-se a sociedade.

- Natureza Cognitiva e Metodológica:

A educadora Beate Althun⁴ aponta argumentos que justificam esta forma de construção do conhecimento escolar. São colocações bem interessantes e que servem para a auto-reflexão do professor.

A pedagogia de projetos procura dar conta de uma necessidade básica da educação: a de saber onde se quer chegar. Como tal definição não pode ser individual, precisa ser tomada coletivamente. A pedagogia de projetos pressupõe envolvimento, diálogo e enfrentamento de conflitos.

Nela, o professor ensina professor, professor ensina aluno, aluno ensina professor e aluno ensina aluno. O aluno trabalha para valer. Ele pode viver a experiência positiva do confronto com os outros, toma decisões, planeja, assume responsabilidades, enfim, torna-se agente de sua aprendizagem e produz algo que tem sentido e uma unidade. (Nova Escola, maio de 1998).

Como vê-se, a Pedagogia de projetos pretende algo desafiador: religar o homem ao Homem, ou seja, restaurar sua consciência de ser existente, "fraturada" com as constantes crises próprias do homem e dos paradigmas que sistematizou para estudar o visível e o invisível. E do professor Carlos Farias⁵, colocações pertinentes ao assunto:

Antes do Helenismo, a humanidade viveu séculos sem se preocupar muito com as explicações do "porque" dos fenômenos. A essa fase da História, Piaget denominou de empírica, pois o homem mais praticava do que explicava. Com os gregos, a civilização iniciou sua fase gnóstica, em que o homem tentou explicar racionalmente os fenômenos. Aí que teve início o nosso conhecimento científico ocidental.

Mais recentemente, na concepção de Piaget, a ciência não pergunta mais somente "por que acontece este ou aquele fenômeno?" Ela quer saber "para que serve esta explicação científica". Temos, então, a fase da aplicação na indústria de nossos dias.

Assim teria sido a evolução da inteligência da humanidade. Torna-se importante salientar que o homem levou séculos para ultrapassar o simples empirismo. Para chegar a teorizar, a civilização teve de fazer, manusear e intuir durante milhares de anos. Este foi o percurso natural da espécie humana.

Há uma fase em que a criança tem uma inteligência prática - ela é

* Recorte feito a partir de um panfleto, que circulou na escola onde trabalhei, no qual não é mencionada a área e local de trabalho da pesquisadora. Documento que se encontra em acervo particular.

⁵ Do Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa - MG.

mais adiantada em ação do que em palavras; há outra em que ela faz afirmações a respeito do mundo sem se preocupar em demonstrar ou justificar; e há outra fase em que a pessoa realiza uma auto-submissão a uma disciplina qualquer, aplicando a si própria, um plano de vida. (Piaget, apud FARIAS, in: www.ufv.br/dpe/edu660/metdescoberta.html)

- Natureza Social:

Em plena sociedade da informação, não restam dúvidas da importância da escola para a sociedade e da sociedade para a escola. Cada vez mais se multiplica o número de pessoas beneficiadas de um recurso gerado pela realização de tantos projetos como, particularmente, o computador e suas ferramentas (internet...). É o reconhecimento da importância social, ou melhor, da natureza social da escola.

Uma pedagogia de projetos realiza esta prerrogativa. É da professora Tereza Gurgel⁶ a seguinte interpretação:

As formas para transmissão dos conhecimentos, dos ideias, dos interesses comuns e semelhantes, se modificaram para acelerar a comunicação das informações de forma que elas possam se tornar comum a muitos.

Uma imensa relação de aplicações técnicas ou práticas se desenvolveram através dos tempos, possibilitando a criação de novas formas e de novas relações.

Imagine a INTERNET como meio de implementação de recursos que possibilita mais interação entre os atores, podendo minimizar o isolamento, o individualismo e maximizar o compartilhamento, a união, a cooperação para busca de soluções.

É interessante que os educandos aprendam as ferramentas de seu ofício ao mesmo tempo que aprendam a explorar sua própria experiência, descobrir suas próprias intenções, acostumar-se a investigar sob regras, consequências e ter experiência em exemplificar, ilustrar, universalizar e deduzir ou induzir conclusões implícitas (GURGEL, in: [www.http://orbita.starmedia.com/~tgurgel/](http://orbita.starmedia.com/~tgurgel/)).

Mas, um alerta é preciso ser feito: cuidado com modismos! Não se faça da pedagogia de projetos um fim, e, sim, um meio para alcançar outras dimensões do saber escolar, como bem diz a antropóloga:

Trabalhar só com projetos, partir da realidade do aluno e tudo isso

⁶ Em seu site não há referências à habilitação, área de pesquisa e local de trabalho.'

que hoje se entende como o caminho da nova educação, pode levar a escola a reproduzir o que a criança ou jovem já aprendem lá fora. Essa não é sua função. A escola precisa preocupar-se com a formação humana. O aprendizado só ocorre quando são realizadas atividades como estudo, registro, pesquisa. Sem isso a criança não constrói conhecimento, (op. cit. dez. 2000).

Sem uma nomenclatura definida, a pedagogia por projetos já teve seu registro na História da Educação do Brasil. Se Pedagogia de Projetos; se Pedagogia de Projetos de Ensino; se Pedagogia por Projetos de Aprendizagem; se Pedagogia por Projetos de Ensino-aprendizagem, o que importa é que coloquemos a curiosidade e a constante insatisfação humanas como eixos de descoberta, de experimentação e de transformação de onde possamos existir.

Um Construcro Alternativo

Em tudo que colocamos nossas intenções, nele ciframos interesses que atraem e demandam poder. Hmbora, a princípio, o ensino através de projetos tenha sido a saída da pedagogia liberal pelo trabalho de Cari Rogers, hoje, a Pedagogia por Projetos de Ensino-aprendizagem mostra-se avançada em sua proposta.

Entre tantos conceitos que reformula a partir do *Humanismo* bem promovido na educação por Rogers, o que mais necessita ser evidenciado por nós professores é o de *Metodologia*. Segundo ele, as estratégias instrucionais e os livros são menos importante do que a atividade de aprender, pois com suas ideias, ser facilitador é uma identidade intransferível quanto ao sujeito e inadiável em seu tempo. As ações por ele propostas estão no "restaurar, estimular e intensificar a curiosidade do aluno; escolher os próprios interesses; promover todos os tipos de recursos (...) promover interações entre meios reais; desenvolver auto-disciplina e criticidade; de um clima que possibilite liberdade para aprender" (apud MIZUKAMI, p54).

Quando está iniciando seu roteiro de elaboração do projeto de ensino-aprendizagem, Vasconcellos nos alerta para os cuidados que devemos ter. Em todos eles há indícios de um pseudo-conservadorismo, como por exemplo "se o projeto for imposto pela escola, cabendo ao professor apenas copiá-lo e quando muito, fazer algumas modificações periféricas. Neste caso, o melhor é elogiar o projeto da escola, seguindo outro nu sala de aula, enquanto vai procurando outro emprego" (2000:132). Concretamente, ele torna nossa realidade bem lúcida, pois educar é um ato transformador de mentalidade e de estruturas ideológicas. Assim, é claro que a pedagogia por projetos de ensino-aprendizagem precisa ser bem defendida por todos aqueles que dela possam tirar melhoria de qualidade de vida. Talvez isto possa ser entendido pelos colegas professores, não importando o nível de escolaridade, de titulação e de ensino. E que isto passe pela forma como entendemos e agimos com os conhecimentos e alunos.

A educação escolar não pode ficar apenas no discurso da melhoria do ensino. É

urgente a necessidade de uma prática pedagógica pela pesquisa, em que nós professores ensinemos a andar para que os futuros professores e demais profissionais sejam suficientemente capazes de abrirem as próprias estradas, quebrando a dependência ideológica que tanto cerceia o poder criador do homem. Busquemos uma *cultura da pesquisa*.

Referência Bibliográfica

Nova Escola. Como fazer um bom projeto - Beate Althuon, São Paulo: Abril, maio de 1998

FARIAS, Carlos. (2000)Projetos .www.ufv.br/dpe/edu660/metdescoberta.html

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico - elementos metodológicos para elaboração e realização, 7 ed. São Paulo: Libertad, 2000.

Nova Escola. O mapa da repetência. São Paulo: Abril, nov. 2000, p.19.

Elvira de Sousa Lima Nova Escola, Fala Mestre, São Paulo: Abril, dez. 2000

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

GURGEL, Tereza. (2001) s.t. [www.http://orbita.starmed.com/~tgurgel/](http://orbita.starmed.com/~tgurgel/).